

O SOM DA SINGULARIDADE

por Ilana Assbú Linhaes Rangel

Sumário

O estudo aqui apresentado apostou na possibilidade de favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, da criticidade e da singularidade dos futuros professores do Ensino Fundamental para que eles, em seus ambientes de trabalho, possam proporcionar o mesmo aos seus alunos, pois isso pode ajudar no enfrentamento de uma era que produz indivíduos normalizados, hierarquizados, modelizados em seus comportamentos, sensibilidades, percepções, memórias, relações sociais, enfim, no enfrentamento de uma era que fabrica subjetividades.

Apostando nisso, este estudo verificou a viabilidade de se estabelecer em uma Escola Normal da rede pública de ensino, uma prática pedagógica que favoreça os desenvolvimentos acima citados. Tal prática foi realizada valendo-se da Oficina de Música, uma metodologia de educação musical basicamente ativa onde a formação de conceitos é provocada pela descoberta e o trabalho é aberto, aceitando propostas novas a cada instante e possibilitando que cada sujeito descubra seus modos próprios de expressão em uma ação direta com o som através de exercícios e pesquisa.

Introdução

Vivemos numa era onde a velocidade impera, a individualidade é cultuada, a razão domina a sensibilidade, a ética é carta fora do baralho, o ser humano é minimizado e os meios de comunicação de massa imprimem um certo modo de ser, de pensar, de agir, enfim, de existir.

Os meios de comunicação de massa hoje atingem muitas e muitas pessoas, imprimindo sobre elas uma cultura de massa, que produz indivíduos normalizados, hierarquizados, modelizados em seus comportamentos, sensibilidades, percepções, memórias e relações sociais. Enfim, uma cultura de massa que produz subjetividade.

A subjetividade, dentro da perspectiva de Guattari (1986), “resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia, etc” (p. 34), que são assumidas e vividas pelos sujeitos em suas existências particulares. Este fenômeno é chamado por Guattari de “produção de subjetividade capitalística”.

Para estabelecer modos de enfrentamento dessa situação, seria preciso fortalecer modos de subjetivações singulares. Podemos nos submeter à subjetividade tal como a recebemos numa relação de prostração e arrebatamento, mas podemos também nos apropriar dos componentes da subjetividade numa relação de criação e abrir espaço para “processos de singularização”.

Guattari (1986) define esses processos como “uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esse modos de manipulação e telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular” (p. 17).

O que caracteriza um processo de singularização, é a capacidade que temos de com ele captar os elementos da situação e criar tipos próprios de referências práticas e teóricas, nos livrando da dependência em relação ao poder global, ou pelo menos, se decidirmos assumir os papéis que esse poder apresenta, que possamos fazê-lo sem que estes papéis estejam colados à pele a ponto de não podermos nos desfazer deles e passarmos a investir nos próprios valores representativos que estes papéis são portadores assim como investir na idéia de sermos seres heterogenéticos. Um ser heterogenético é “um ser processual, polifônico, singularizável” (Guattari, 1992, p. 64), que se mobiliza para a potência

de heterogênesse, para o florescer de “processos irreversíveis de diferenciação necessários e singularizantes” (Guattari, 1992, p. 69).

Nesta era, portanto, precisamos de uma escola que ajude o aluno a lidar com a velocidade, sem esquecer seu próprio ritmo, a entender a ação conjunta em sua importância e necessidade para a construção de uma sociedade mais justa. A valorizar suas emoções, bem como suas razões, a construir e reconstruir a história da qual faz parte, a incluir a ética como princípio básico para a vida em conjunto, a ler as mensagens dos meios de comunicação de massa com olhos críticos.

Para essa escola, precisamos de um profissional com um novo perfil e para esse profissional, uma formação especial. Para tanto, a escola que prepara professores precisa responder por uma formação, dentre outras, da sensibilidade, que dê importância à experiência, à afetividade, à emoção, à expressividade, à criatividade e ao diálogo.

Objetivos

O que as aulas de música podem fazer pela formação desse profissional com um novo perfil? Elas podem favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da criticidade dos futuros professores para que eles, em seus ambientes de trabalho, possam proporcionar o mesmo aos seus alunos, pois o desenvolvimento dessas três potencialidades, inerentes à condição humana, pode ajudar no enfrentamento desta nova era.

Assim, algumas questões-chave se colocaram e nortearam este estudo:

- Qual é a viabilidade de se estabelecer na escola de formação de professores, tal como ela se encontra, através das aulas de artes,

em especial música, uma prática pedagógica que favoreça o desenvolvimento da sensibilidade e principalmente da criatividade dos futuros professores?

- Será possível, ao professorando, transpor as experiências pessoais vividas nestas aulas de música, para a sua futura prática docente?

Desejando colaborar para o fortalecimento do trabalho com música na Escola Normal, com a construção de um professor realmente envolvido com sua atividade e com o desenvolvimento da educação, procurei desenvolver a proposta de um estudo da viabilidade de um tipo de trabalho musical com professorandos, propiciando um espaço para manifestações de singularidades, que poderia ser a semente de um diferente pensar e fazer pedagógicos dos futuros docentes.

Caminhos percorridos

Para tentar responder às questões-chave, foi desenvolvida uma atividade ligada às aulas de música em uma Escola Normal, durante um período escolar regular com alunos do 3º ano. Tal atividade se realizou tendo como base Oficinas de Música.

Com base nos mais importantes professores e estudiosos das Oficinas de Música do Brasil, é possível apresentar algumas definições. Muitos deles definem a Oficina de formas diferentes, mas todos levam para uma mesma direção: trata-se de uma proposta pedagógica vinculada à música contemporânea e baseada na ação direta do aluno, ação esta de caráter exploratório e criativo.

A Oficina representa um espaço onde se aprende música fazendo música, organizando idéias, socializando o conhecimento produzido, pensando individual e coletivamente, relacionando cultura e sociedade e integrando diversas formas de expressão. É possível dizer que sua maior e mais importante característica se refere ao fato de que através dela o sujeito tem a possibilidade de se expressar criativamente através de elementos sonoros. Estamos aqui entendendo que expressar-se não significa somente confirmar percepções apreendidas e sim ir mais além, aplicando-as e transferindo-as para outras dimensões e assim, recriá-las. Ter a possibilidade de dominar seus próprios esquemas de expressão é ter a possibilidade de superar a passividade de receptor, rompendo a divisão entre espectador e criador onde cabe ao primeiro a absorção e conformidade e ao último a produção, a divergência, a inovação.

As atividades que me conduziram na busca das respostas para as principais questões desse estudo se desenvolveram em três momentos.

Num primeiro momento, adequando-se às expectativas do estudo, as atividades se desenvolveram em forma de Oficinas de Música possibilitando que cada sujeito descobrisse seus modos de expressão em uma ação direta com o som através de exercícios e pesquisa.

Após o período de Oficinas, num segundo momento foi proposto aos professorandos a elaboração de atividades seguindo a metodologia desenvolvida com eles, para serem aplicadas com crianças. As tais elaborações foram aplicadas a eles mesmos, a fim de experimentar e permitir ajustes quando necessário.

Num terceiro momento, foi proposta a aplicação das atividades elaboradas em turmas de 1ª à 4ª séries, então alunos da Educação Fundamental, futuros beneficiários de uma formação mais rica recebida pelos futuros professores.

Durante todo o processo relatórios foram elaborados por todos os envolvidos pelo estudo, de cada dia de trabalho, a fim não só de relatar, mas de também colher impressões, sensações, emoções e sugestões.

Pelas características do trabalho proposto, a abordagem qualitativa apareceu como a mais adequada, pois valoriza o mergulho do pesquisador no contexto estudado, permitindo o contato direto com os atores envolvidos e o acompanhamento constante das ações propostas e de suas consequências.

Resultados

Chegando ao final do estudo, pude perceber que é possível estabelecer uma prática pedagógica mais comprometida com uma formação mais abrangente do futuro professor dentro de uma escola “comum” da rede pública de ensino, apesar de não ter encontrado condições totalmente satisfatórias.

Quando me propus a levar a Oficina de Música para dentro da Escola Normal, já havia verificado sua eficácia e boa aceitação com professores já formados em encontros educacionais diversos. Queria, então, atingir o professor em formação e falar da necessidade de garantir um espaço para criação e para processos de singularização na construção de uma professoralidade. Este estudo se pautou portanto, na crença da importância da formação de um sujeito singular e da importância de uma prática como a Oficina para esta formação.

Analisando a Oficina de Música enquanto metodologia de educação musical, Fernandes (1993, p. 38-40) elegeu alguns critérios que definem a eficácia desta. Com a experiência obtida neste estudo, pôde-se reafirmar alguns desses critérios:

1. “ Abertura a toda e qualquer sonoridade, ampliação do campo perceptivo”. A Oficina se dispõe a trabalhar com qualquer sistema sonoro, indo para além das notas musicais e utilizando sonoridades não-tradicionais e esse critério pôde ser observado com a utilização de materiais pessoais, da sala de aula e corporais pelos professorandos para a produção sonora.
2. “Integração de outras linguagens”. A Oficina traz uma abertura de padrões em busca de um desenvolvimento da percepção multisensorial e essa abertura se deu neste estudo com a integração da linguagem corporal.
3. “Sensibilização integral que leve o aluno a adquirir uma postura crítica, expressão criativa, contribuindo para o desenvolvimento da personalidade e conseqüentemente para o desenvolvimento integral do indivíduo”. Esse critério foi verificado nas constantes buscas pelos exercícios de avaliação crítica e pelo desenvolvimento da expressão autônoma e criativa.
4. “Uso da música tradicional e inclusão da música contemporânea”. Buscando não excluir nenhuma manifestação musical, os professorandos tiveram a oportunidade de se expressar no sistema tonal, característico da música tradicional, bem como fazendo uso de sonoridades que por eles foram

construídas, um recurso característico da música contemporânea.

5. “Valorização da improvisação como meio pedagógico”. Esse critério foi verificado quando, durante este estudo, a aprendizagem de materiais e estruturas se deu através da exploração e manipulação imediata e criativa dos objetos sonoros.
6. “Flexibilidade de adaptação da metodologia a diferentes realidades”. As Oficinas deste estudo se realizaram sem exigir habilidades e conhecimentos prévios dos sujeitos, levando em consideração a diversidade cultural encontrada no conjunto de sujeitos, dentro de uma simples sala de aula e utilizando as fontes sonoras disponíveis no local do estudo.
7. “Utilização dos processos não-formais de aprendizagem que se assemelham à própria natureza humana”. Esse critério pôde ser observado na relação de parceria que se estabeleceu entre eu e os professorandos, na presença da relação teoria-prática onde o professorando fez, experimentou, manipulou ao mesmo tempo que recebeu e construiu informações acerca do que estava produzindo, além de estar acompanhado do prazer de fazer.
8. “Promoção do desenvolvimento da comunicação, da socialização, da capacidade de discernimento e análise”. Considerando a música como linguagem, os professorandos se comunicaram através dela valorizando questões pessoais e

grupais num fazer musical coletivo onde cada sujeito era um criador, um explorador que estruturava e analisava.

9. “Superação do medo, das inibições e dos preconceitos”. Os sujeitos deste estudo foram valorizados como seres humanos e como fonte de criação e com isso descobriram suas potencialidades, perderam o medo de se expressar e superaram inibições além de estabelecerem uma relação mais aberta com os fenômenos sonoros o que levou a uma relação menos preconceituosa que busca escapar do trivial.

Pensando especificamente na formação de professores para as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, a Oficina se torna ainda mais eficaz se pensarmos que existem vários aspectos do fazer musical que podem ser dominados pelo professor não especializado. Este professor ainda tem a vantagem de não estar contaminado pelo tradicional e, assim, estar mais aberto para a descoberta de novas abordagens e para rupturas com padrões já antes estabelecidos.

Mas, para que a Oficina seja estabelecidas dentro da Escola Normal, se faz necessária a presença do professor especializado em música e para isso, uma licenciatura mais comprometida com a transformação e com uma relação com a escola de formação não específica, ou seja, com uma relação para além das escolas de música.

Precisamos lançar um olhar especial para as licenciaturas em arte e que estas dêem atenção para a formação de professores para as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental no sentido de, através das aulas de arte, tentar garantir-

lhes um espaço de criação que possa incidir em processos de singularização, imaginando que os futuros professores possam ser multiplicadores dessa idéia desenvolvendo, quem sabe, uma diferente prática pedagógica, ou seja, ser um professor singular que pode ver o seu aluno singular.

Foi nisso que este estudo apostou: na possibilidade de , através das Oficinas de Música, favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, da criticidade e da singularidade dos futuros professores para que eles, em seus ambientes de trabalho, possam proporcionar o mesmo aos seus alunos, pois isso pode ajudar no enfrentamento da nossa era.

Referências Bibliográficas




FERNANDES, José N. Análise da eficácia das oficinas de música no Brasil enquanto metodologia de educação musical. Dissertação de mestrado, CBM, Rio de Janeiro, 1993.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis, Vozes, 1986.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.

RANGEL, Ilana A. L. O som da singularidade. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, Rio de Janeiro. 1998.

Guia para continuar

-  **Programação da ANPPOM 1999**
-  **Informação dos Participantes**
-  **Saída dos Anais da ANPPOM**